# Memórias de um apaixonado pela música

Foto: Vanessa Ruberti

A Banda, para Assis, era um templo de amizade e de amor incondicional à arte da música.

Assis Cadorin, na lucidez de seus 81 anos, não esquece. Quando tinha 13, o pai, Jordão, determinou a si próprio que aquele filho primogênito até poderia ter outra profissão na vida, mas haveria de alegrá-la com música. Tinha lá seus fortes motivos. Jordão era tido como o mestre dos mestres no clarinete e pertencia a uma família onde a música, desde os primeiros imigrantes oriundos da Itália, era (e ainda é) uma marca. Assim, como presidente e integrante da Banda Padre Sabbatini, o pai levou o jovem para aprender a arte da música, entregando o adolescente aos cuidados do rigoroso maestro Luiz Tomasi.

"Lembro que tinha muita vontade de aprender música. O pai já estava lá e falava de música com muita paixão. Vários tios e primos mais velhos também eram músicos. Havia mais de 10 Cadorins na banda e foram até mais quando meus irmãos Geraldo, Valério e João também passaram a integrá-la", conta Assis, que marcou sua presença na Sabbatini tocando trompa. Sua estreia ocorreu no dia 5 de abril de 1942, dia de Santa Ágata, com um desfile, pelas 10 horas da manhã, que iniciou nas imediações da casa de Juvenal Franzói e terminou na capela da santa, no Besenello.

A passagem de Assis pela banda tem momentos que ele não quer apagar da memória, como do tempo em que foi presidente por oito anos, sucedendo o pai, mandato em que a banda vivenciou várias passagens importantes. Uma foi por volta de 1960, quando os músicos passaram a ter um traje de gala. Um terno completo. O tecido para a calça foi conseguido diretamente com o empresário Carlos Renaux, em Brusque, com interferência do gerente da fábrica de tecidos da Renaux em Nova Trento, Paulo Hartke, que também era músico da banda e por décadas o único "não italiano" a integrá-la. O tecido para a camisa foi doado pelo então deputado Epitácio Bittencourt, depois que uma comitiva neotrentina foi a Florianópolis fazer o pedido para o então governador Celso Ramos. Dezenas de metros foram comprados numa loja da Praça XV. As camisas, brancas, foram feitas sob medida pela costureira Antonieta Cadorin Marchi. O paletó, num azul claro, foi confeccionado por diversos alfaiates.

Outro momento especial para Assis foi em 1967, quando o então prefeito Pedro Piva Júnior conseguiu arrumar dinheiro para compra de 21 instrumentos novos para a banda. O maestro Luiz Tomasi foi autorizado a ir a São Paulo para levantar preços e adquiri-los. Na volta, houve uma grande festa.

## O amor à música não tinha fronteiras

Se era para difundir a música, Assis e a banda que sempre amou verdadeiramente nos 42 anos em que nela permaneceu, não olhava fronteiras. Muitos trabalhavam na roça a semana inteira e outros eram pedreiros ou carpinteiros. Mesmo assim, cansados da lida pesada da semana, lá iam eles, felizes, na carroceria de qualquer caminhão, com os instrumentos junto a si como uma relíquia, para se apresentar em todos os municípios da região, arriscando-se, de vez em quando, a ir até o então longínquo distrito de Leoberto Leal, enfrentando um caminho difícil e perigoso. Para não gastar, já que não havia cachê e quase todos eram pessoas humildes, levavam consigo um saco de lingüiça e pão. No local da apresentação se limitavam a comprar a cerveja ou refrigerante. Como a música estava acima de tudo, em muitas oportunidades todos os músicos tinham que percorrer, a pé, alguns quilômetros, carregando seus instrumentos, para se apresentar. "Fiz muitas caminhadas até o Morro da Cruz e ao Vígolo". A união e a solidariedade do grupo era outra marca. Assis diz: " Todos se ajudavam entre si, como músicos e como amigos leais. Vários deles eram compadres. Um ensinava o outro como todo carinho e respeito. O Bernardo Ruberti, na tuba, tinha uma facilidade incrível em aprender e ensinava os outros. O Artur Sgrott e o Aprígio Botamelli, no clarinete, pareciam rezar enquanto tocavam, tal era a dedicação a aquilo que tanto amavam".

Assis confessa, e não consegue conter a emoção refletida nos olhos e no movimento das mãos, como se fosse tocar na trompa, ao dizer que sente muitas saudades da banda. De tudo que se refere a ela. Do tempo em que, quando se apresentava em ocasiões especiais, na Igreja Matriz, a banda saia de sua sede, que ficava no mesmo local onde está hoje, tocando um dobrado, perfilada, rua afora. Era triunfalmente saudada onde ia, porque era sempre uma grande atração. Saudades da disciplina que impunha o maestro Luiz Tomazi, e depois seu irmão, Virgilio Tomasi. Diziam, em bom dialeto: "Marte, tutti alle sete de note, qui" (Terça-feira, todos às sete horas, aqui) para o ensaio. Dos elogios que recebia dos colegas, porque tinha um bom fôlego e conseguia tirar da trompa "note tonde", ou notas redondas, com o máximo de sonoridade possível.

Como um filme, estas evocações retornaram na última apresentação que Assis viu da sua querida banda. Foi na procissão de Corpus Christi, em junho, onde ele ainda testou seu bom ouvido de músico e percebeu que a Padre Sabbatini tem alguns valores acima do normal. Gostou muito de ouvir o saxofonista Jakson Cadorin, filho de um primo seu. "Toca muito bem", elogiou.

"Não tem mais nenhum músico do meu tempo, mais eu gostei muito, muito mesmo. Especialmente por ter muitos jovens. Soube que agora até tem mulheres. Uma maravilha! Assim a banda sempre terá um futuro", elogia o mestre da trompa.

# Memórias de um apaixonado pela música

Foto: Vanessa Ruberti

A Banda, para Assis, era um templo de amizade e de amor incondicional à arte da música.

Assis Cadorin, na lucidez de seus 81 anos, não esquece. Quando tinha 13, o pai, Jordão, determinou a si próprio que aquele filho primogênito até poderia ter outra profissão na vida, mas haveria de alegrá-la com música. Tinha lá seus fortes motivos. Jordão era tido como o mestre dos mestres no clarinete e pertencia a uma família onde a música, desde os primeiros imigrantes oriundos da Itália, era (e ainda é) uma marca. Assim, como presidente e integrante da Banda Padre Sabbatini, o pai levou o jovem para aprender a arte da música, entregando o adolescente aos cuidados do rigoroso maestro Luiz Tomasi.

"Lembro que tinha muita vontade de aprender música. O pai já estava lá e falava de música com muita paixão. Vários tios e primos mais velhos também eram músicos. Havia mais de 10 Cadorins na banda e foram até mais quando meus irmãos Geraldo, Valério e João também passaram a integrá-la", conta Assis, que marcou sua presença na Sabbatini tocando trompa. Sua estreia ocorreu no dia 5 de abril de 1942, dia de Santa Ágata, com um desfile, pelas 10 horas da manhã, que iniciou nas imediações da casa de Juvenal Franzói e terminou na capela da santa, no Besenello.

A passagem de Assis pela banda tem momentos que ele não quer apagar da memória, como do tempo em que foi presidente por oito anos, sucedendo o pai, mandato em que a banda vivenciou várias passagens importantes. Uma foi por volta de 1960, quando os músicos passaram a ter um traje de gala. Um terno completo. O tecido para a calça foi conseguido diretamente com o empresário Carlos Renaux, em Brusque, com interferência do gerente da fábrica de tecidos da Renaux em Nova Trento, Paulo Hartke, que também era músico da banda e por décadas o único "não italiano" a integrá-la. O tecido para a camisa foi doado pelo então deputado Epitácio Bittencourt, depois que uma comitiva neotrentina foi a Florianópolis fazer o pedido para o então governador Celso Ramos. Dezenas de metros foram comprados numa loja da Praça XV. As camisas, brancas, foram feitas sob medida pela costureira Antonieta Cadorin Marchi. O paletó, num azul claro, foi confeccionado por diversos alfaiates.

Outro momento especial para Assis foi em 1967, quando o então prefeito Pedro Piva Júnior conseguiu arrumar dinheiro para compra de 21 instrumentos novos para a banda. O maestro Luiz Tomasi foi autorizado a ir a São Paulo para levantar preços e adquiri-los. Na volta, houve uma grande festa.

## O amor à música não tinha fronteiras

Se era para difundir a música, Assis e a banda que sempre amou verdadeiramente nos 42 anos em que nela permaneceu, não olhava fronteiras. Muitos trabalhavam na roça a semana inteira e outros eram pedreiros ou carpinteiros. Mesmo assim, cansados da lida pesada da semana, lá iam eles, felizes, na carroceria de qualquer caminhão, com os instrumentos junto a si como uma relíquia, para se apresentar em todos os municípios da região, arriscando-se, de vez em quando, a ir até o então longínquo distrito de Leoberto Leal, enfrentando um caminho difícil e perigoso. Para não gastar, já que não havia cachê e quase todos eram pessoas humildes, levavam consigo um saco de lingüiça e pão. No local da apresentação se limitavam a comprar a cerveja ou refrigerante. Como a música estava acima de tudo, em muitas oportunidades todos os músicos tinham que percorrer, a pé, alguns quilômetros, carregando seus instrumentos, para se apresentar. "Fiz muitas caminhadas até o Morro da Cruz e ao Vígolo". A união e a solidariedade do grupo era outra marca. Assis diz: " Todos se ajudavam entre si, como músicos e como amigos leais. Vários deles eram compadres. Um ensinava o outro como todo carinho e respeito. O Bernardo Ruberti, na tuba, tinha uma facilidade incrível em aprender e ensinava os outros. O Artur Sgrott e o Aprígio Botamelli, no clarinete, pareciam rezar enquanto tocavam, tal era a dedicação a aquilo que tanto amavam".

Assis confessa, e não consegue conter a emoção refletida nos olhos e no movimento das mãos, como se fosse tocar na trompa, ao dizer que sente muitas saudades da banda. De tudo que se refere a ela. Do tempo em que, quando se apresentava em ocasiões especiais, na Igreja Matriz, a banda saia de sua sede, que ficava no mesmo local onde está hoje, tocando um dobrado, perfilada, rua afora. Era triunfalmente saudada onde ia, porque era sempre uma grande atração. Saudades da disciplina que impunha o maestro Luiz Tomazi, e depois seu irmão, Virgilio Tomasi. Diziam, em bom dialeto: "Marte, tutti alle sete de note, qui" (Terça-feira, todos às sete horas, aqui) para o ensaio. Dos elogios que recebia dos colegas, porque tinha um bom fôlego e conseguia tirar da trompa "note tonde", ou notas redondas, com o máximo de sonoridade possível.

Como um filme, estas evocações retornaram na última apresentação que Assis viu da sua querida banda. Foi na procissão de Corpus Christi, em junho, onde ele ainda testou seu bom ouvido de músico e percebeu que a Padre Sabbatini tem alguns valores acima do normal. Gostou muito de ouvir o saxofonista Jakson Cadorin, filho de um primo seu. "Toca muito bem", elogiou.

"Não tem mais nenhum músico do meu tempo, mais eu gostei muito, muito mesmo. Especialmente por ter muitos jovens. Soube que agora até tem mulheres. Uma maravilha! Assim a banda sempre terá um futuro", elogia o mestre da trompa.